



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
CAMPUS JOÃO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DANIELA FIDELIS BEZERRA

UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

JOÃO PESSOA

2020

DANIELA FIDELIS BEZERRA

UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Mari, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do (a) Prof. (a) Ma. Nídia Nunes Máximo.

JOÃO PESSOA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

B574u Bezerra, Daniela Fidelis.
Uma análise do material didático de LP como L2 para surdos / Daniela Fidelis Bezerra. – 2020.
22f.

Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.
Orientadora: Profa. Me. Nídia Nunes Máximo.

1. Língua portuguesa como L2. 2. Material didático. 3. Gênero textual. 4. Charge. 5. Alunos surdos. I. Título.

CDU 811.134.3:376

DANIELA FIDELIS BEZERRA

UMA ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO DE LP COMO L2 PARA SURDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 28 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA




Nidia Nunes Máximo
Coord. de Letras LIBRAS
Departamento de Letras
SUPE: 214347

Profa. Ma. Nidia Nunes Máximo
Orientadora — UFPE

Camila Michelyne M. da Silva

Profa. Ma. Camila Michelyne Muniz da Silva
Avaliadora — UFPE

Marcelay da Luz Marques

Prof. Ma. Marcelay da Luz Marques
Avaliadora — IFPB

Uma análise do material didático de LP como L2 para surdos

Daniela Fidelis Bezerra¹

Nídia Nunes Máximo²

Resumo: Este trabalho procurou abordar a relevância de o docente de Língua Portuguesa para surdos produzir e analisar o próprio material didático. Assim, propomo-nos analisar um material didático de Língua Portuguesa para surdos produzido pelas cursistas durante a disciplina “Elaboração de Material didático de LP para surdos”, na Especialização em Ensino de LP para surdos, a partir do gênero textual “charge”. Quanto aos objetivos mais específicos: apresentar o gênero textual, bem como as competências e habilidades linguísticas a serem desenvolvidas pelos discentes surdos; discutir a relevância da organização da sequência didática em consonância com os três eixos metodológicos e refletir a utilização dos conteúdos curriculares por meio do gênero textual. No que concerne ao suporte teórico, buscamos subsídios em: Antunes (2014); Brasil (2015); FAINC (2011); Fernandes (2006); Gesser (2009); Kleiman (2005); Marcuschi (2007); (2008); Neves e Quadros (2015). Quanto à metodologia, utilizamos a pesquisa-ação, uma vez que esta possibilita ao indivíduo realizar uma autoanálise. Para isso, notamos que o docente, ao produzir e analisar o próprio material didático de LP para surdos, irá possibilitar a inclusão tanto da pessoa surda, assim como da comunidade linguística no âmbito educacional. Por conseguinte, podemos perceber, ainda, que o professor, ao fazer o uso de atividades no material didático tendo em vista as especificidades da pessoa surda, não só dará mais visibilidade e importância a determinada comunidade linguística, como também dará mais ênfase aos direitos e necessidades de cada indivíduo surdo.

Palavras-chaves: Material didático, LP para surdos, Gênero textual, Comunidade linguística, Pessoa surda.

Abstract: This work sought to address the relevance of the Portuguese language teacher for the deaf to produce and analyze the didactic material itself. Thus, we propose to analyze a didactic material of Portuguese Language for the deaf produced by course participants during the discipline Elaboration of LP didactic material for the deaf, in the Specialization in Teaching of LP for the deaf, from the textual genre "charge". As for the more specific objectives: to present the textual genre, as well as the linguistic skills and abilities to be developed by the deaf students; discuss the relevance of the organization of the didactic sequence in line with the three methodological axes and reflect the use of curricular content through textual genre. Regarding theoretical support, we used theories: Antunes (2014); Brazil (2015); FAINC (2011); Fernandes (2006); Gesser (2009); Kleiman (2005); Marcuschi (2007); (2008); Neves and Quadros (2015). As for the methodology, we use action research, since it allows the individual to carry out a self-analysis. For this, we note that the teacher, when producing and analyzing the LP didactic material for the deaf, will enable the inclusion of both the deaf person and the linguistic community in the educational field. Therefore, we can also perceive that the teacher, when making use of activities in the didactic material in view of the specificities of the deaf person, will not only give more visibility and importance to a certain linguistic community, but will also give more emphasis to the rights and needs of each deaf individual.

Key words: Didactic material, Portuguese Language for deaf people, Text genre, Language Community, Deaf person.

1 Introdução

¹ Graduada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Profa. Assistente de Linguística (UFPE), Mestra e Doutoranda em Letras/Linguística (UFPE).

No que concerne à relevância em adquirir a Língua de Sinais como L1 e a Língua Portuguesa como L2, Gesueli (2010) aborda que a prática pela educação bilíngue é uma das formas que pode ser oferecida para os discentes surdos, já que abrange tanto a expressão surdez assim como a comunidade surda. Nesse sentido, a educação bilíngue tem como incumbência integrar os profissionais no âmbito escolar, bem como contribuir para que a pessoa surda se torne o mais fluente possível em determinada língua.

Desse modo, de acordo com Barbosa (2018), os docentes de LP como L2 para surdos precisam elaborar ou até mesmo adaptar os materiais didáticos, haja vista que irá explorar o visual da pessoa surda. Nesse sentido, por exemplo, o uso de imagens, ilustrações, animações e vídeos pode auxiliar na interpretação dos textos escritos em LP.

Além disso, é de suma importância que o professor saiba analisar/identificar qual material didático é adequado para o determinado público-alvo, pois é uma das formas de despertar o interesse do alunado e, de fato, incluir os surdos na vida em sociedade por meio da Libras, dando mais ênfase às especificidades da respectiva comunidade linguística.

Isto posto, como objeto de estudo da pesquisa em questão, iremos abordar a importância de o docente de LP para surdos produzir e analisar o próprio material didático. Para isso, despertou-se o interesse por tal temática devido ser um assunto tão pertinente e presente, que é o ensino de L2 para surdos, haja vista que as determinadas inquietações são congruentes: de que modo podemos atender às necessidades da comunidade surda perante as atividades propostas no material didático? Qual a significância de o professor de LP para surdos produzir e analisar o próprio material didático?

Diante disso, teremos como objetivo geral: analisar o material didático de LP para surdos contemplando o uso do gênero textual “charge”. E como objetivos mais específicos: apresentar o objeto de ensino (gênero textual), bem como as competências e habilidades linguísticas a serem desenvolvidas pelos estudantes surdos; discutir a relevância da organização da sequência didática conforme os três eixos metodológicos e refletir a utilização dos conteúdos curriculares por intermédio dos gêneros textuais.

Conforme os procedimentos metodológicos, utilizaremos a pesquisa-ação, na qual o indivíduo faz uma autoanálise. Logo, é perceptível que o docente, ao produzir e analisar o próprio material didático de LP para surdos, dá um passo fundamental para possibilitar a inclusão tanto da pessoa surda, como também da respectiva comunidade linguística no âmbito escolar.

Quando o docente trabalha com atividades no material didático levando em consideração as especificidades da pessoa surda, não só dará mais visibilidade e relevância à respectiva comunidade linguística, assim como também dará mais notoriedade aos direitos de cada indivíduo surdo.

2 Fundamentação teórica

2.1 Políticas Públicas

Segundo o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, podemos compreender por “pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005, p. 01). Em consonância a essa denominação, temos ainda apresentado no parágrafo único do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005: “Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”. À vista disso, podemos notar que a pessoa surda possui perda total da audição e interage por meio da Libras, enquanto a perda relacionada a questões de sons, de forma bilateral, parcial ou até mesmo total, tem a ver com a deficiência auditiva.

De acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015,

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 01).

Diante do exposto, podemos discernir que, embora a pessoa com deficiência possua suas particularidades diferenciadas, ela não deixa de possuir uma língua como qualquer outra, já que a surdez é uma condição fisiológica que acarreta o uso da LS e, conseqüentemente, o surgimento das comunidades surdas. Por essa razão, esta possui vinculação a determinados grupos, e, dessa maneira, está intrinsecamente ligada a aspectos histórico-culturais, linguísticos, sociais, bem como de diferenciação e marcas distintivas quanto à sua identidade.

É sabido que existe um mito sobre a comunidade de surdos, uma vez que muitos os concebem como pessoas que não possuem língua, no entanto, Gesser (2009) nos mostra que o surdo consegue falar por meio da língua de sinais, ou seja, possui uma língua como qualquer

outra comunidade linguística, apenas “fala” de forma distinta (fazendo o uso de sinais) das demais.

Além disso, a autora nos alerta quanto à questão de que devemos ampliar o conceito de Libras e, dessa forma, reformular concepções que estavam tradicionalmente omissas. Por essa razão, as pessoas precisam entender o conceito de língua numa dimensão “viso-gestual”. Ademais, a pesquisadora afirma que há uma imensa possibilidade entre as famílias de haver pessoas surdas quando existe a questão genética ou até mesmo da hereditariedade.

Desse modo, muitos estudantes surdos são oriundos de famílias ouvintes que muitas vezes não costumam aprender a Primeira Língua (Libras – L1), em virtude de o ambiente familiar ser majoritariamente ouvinte. Nesse âmbito, algo que já deveria ser influenciado e desenvolvido em casa, não é comum ocorrer. Por esse motivo, os discentes recorrem apenas ao ambiente escolar para poder se comunicar e desenvolver sua língua. Todavia, faz-se necessário que tanto a escola como também a família, desde o início, ou seja, em casa, possibilitem que esse discente vá internalizando a Primeira Língua em função de aprender a Segunda, a Língua Portuguesa – L2.

Diante dessa necessidade de atender às expectativas das famílias e as dos próprios discentes, faz-se mister voltarmos nossa atenção sobretudo às particularidades da pessoa surda, haja vista que há uma imensa necessidade e importância em trabalhar e explorar o visual por meio da Libras.

Sobre isso, Neves e Quadros (2015) mostram a importância de o indivíduo surdo ter acesso à sua língua, assim como serem exploradas nas escolas questões ligadas aos direitos e deveres da comunidade surda. Para tanto, as autoras abordam que para que a criança surda se desenvolva integralmente, ela deverá ter acesso à língua de sinais como primeiro passo, isto é, reconhecer à Libras como língua materna, (instrução) na sala de aula. Posteriormente, terá seguimento ao ensino da língua majoritária como sendo a segunda língua.

2.2 Material Didático: Charge

No que se refere à relevância da experiência visual para os surdos, Fernandes (2006) a considera como uma prioridade que irá possibilitar ao surdo a construção do conhecimento, dado que é um meio sensorial imprescindível para haver tanto o processamento cognitivo, assim como a representação por intermédio dos símbolos visuais.

Dessa maneira, refletindo sobre as necessidades e exigências da comunidade surda, os docentes precisam incluir os alunos surdos nas suas atividades em sala de aula. Para isso, os professores precisam elaborar, adaptar e analisar o próprio material didático, já que isso irá possibilitar com que o indivíduo surdo possua mais viabilidade e pertinência no âmbito educacional.

Assim, Fernandes (2006) nos mostra ainda como é pertinente o trabalho com textos verbais e não-verbais, já que fazer o uso de atividades contextualizadas e de recursos visuais possibilitará um leque de aprendizado ao aprendiz surdo por meio da exposição do visual. Além disso, cabe aos docentes envolver os discentes nas atividades, explorar o conhecimento de mundo e instigá-los a desenvolver o senso crítico.

Do mesmo modo, a utilização das tecnologias no âmbito escolar é de suma relevância, haja vista que os docentes precisam estar aptos e cientes quanto à necessidade de inserir nas aulas de Língua Portuguesa como L2 recursos que façam parte do contexto do aluno, bem como contribuam para que as aulas se tornem mais atrativas, inclusivas e diversificadas.

Quando nos referirmos ao material didático (MD), é comum lembrarmos do próprio livro didático que costuma ser trabalhado nas escolas, todavia o MD pode partir de uma sequência didática, com fins, conteúdos, competências, habilidades e gêneros textuais a serem utilizados pelos estudantes. Para tanto, os recursos didáticos precisam estar acoplados às finalidades do MD, em virtude de os alunos surdos explorarem as competências e habilidades linguísticas por intermédio da modalidade escrita.

O objeto do Material Didático de LP para surdos deverá ser os gêneros textuais, uma vez que estes surgem conforme as necessidades pessoais, já que, segundo Marcuschi (2007, p. 23), os gêneros textuais podem ser entendidos como “realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas”.

Além disso, o respectivo autor acrescenta que tais gêneros se efetivam a partir do texto, dado que “constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas” (MARCUSCHI, 2007, p. 23). Nesse sentido, Marcuschi (2007) considera, ainda, que os gêneros textuais são infinitos, assim como fazem parte de um conjunto de designações ocorridas de forma concreta por intermédio do canal, conteúdo, estilo, composição estrutural e funcionalidade.

Os objetivos do Material Didático deverão ser as competências e habilidades linguísticas desenvolvidas pelo alunado. Por esse motivo, Araújo e Bezerra (2020) afirmam que tais

objetivos precisam identificar as especificidades dos gêneros; compreender o uso nos diversos contextos sociais; reconhecer a funcionalidade dos gêneros por meio das atividades propostas; bem como desenvolver a habilidade de escrita ao produzir os textos sugeridos pelas docentes.

Outrossim, os conteúdos precisam estar correlacionados ao gênero textual. Para isso, Araújo e Bezerra (2020) abordam que os conteúdos do material deverão englobar a leitura e a interpretação de textos escritos e imagéticos; o uso dos gêneros textuais nos diversos contextos sociais; o reconhecimento das funções dos gêneros com base nas atividades propostas em sala de aula; assim como a produção dos textos solicitados pelas docentes.

Nesse viés, a determinada sequência didática precisa estar organizada nos eixos da leitura, escrita e análise linguística. Para tanto, a sequência didática irá servir como um norte ao docente na prática pedagógica, uma vez que mostra passo a passo como as atividades produzidas irão prosseguir conforme cada aula realizada.

Por essa razão, quanto ao eixo da leitura e da escrita, Fernandes (2006) considera que o letramento, entendido como práticas sociais, irá possibilitar a pessoa surda o (re)conhecimento de distintos gêneros textuais, devido ativar os conhecimentos prévios e subsequentes ligados tanto à escrita como à leitura no âmbito sociocultural.

Sobre letramento, Kleiman (2005) aborda que este é um fenômeno que envolve a cultura humana, assim como possibilita o uso da escrita conforme práticas sociais. Desse modo, tem como finalidade garantir ao indivíduo a inserção no mundo por meio da leitura. A leitura e a escrita são elementos primordiais no que diz respeito à construção da criticidade e ao poder da reflexão, já que ambas, quando trabalhadas de forma interdisciplinar, favorecem a socialização e a interação entre os indivíduos.

Dessa maneira, compreendemos que a escrita está em todos os lugares, isto é, em todas as situações do cotidiano das pessoas, e não apenas restrita à escola. Para tanto, é imprescindível que o letramento vá muito mais além da escrita, já que envolve as práticas sociais. Por essa razão, a alfabetização é apenas um primeiro passo para o letramento.

À vista disso, no que tange às questões sobre os usos da língua, Marcuschi (2008) aborda que o ensino da língua não deve priorizar o caráter das regras gramaticais, todavia o teórico enfatiza a importância para que as aulas sejam voltadas para uma perspectiva mais reflexiva (usos da língua). Desse modo, o ensino estará relacionado à ampliação da competência comunicativa dos discentes.

Diante desses apontamentos, ao concebemos a língua numa perspectiva interacionista, Antunes (2014, p. 18) afirma que “O conceito de “interação”, como está sinalizado pela própria composição da palavra, aplica-se a toda “ação” “entre” dois ou mais sujeitos. Desse modo, para Antunes (2014), o termo “interação” trata-se de “uma ação conjunta”, ou seja, para que a atividade desempenhada tenha êxito, será necessário a troca de experiências por parte de mais de um sujeito.

Nesse sentido, em caso particular, no que concerne à linguagem verbal, é notório que a interação, além de ser fruto de uma ação conjunta, de modo mais amplo, deverá ser entendida também como uma “ação recíproca”, dado que esta envolve os interlocutores no processo comunicativo em que são influenciados uns pelos outros.

3 Metodologia

Como procedimentos metodológicos, utilizamos a pesquisa-ação, na qual

[...] há uma relação de cooperação ou participação entre o (s) pesquisador (es) e o(s) participante(s) da situação para resolução ou esclarecimento, em conjunto, de um problema. O pesquisador exerce uma importante função, desencadeando ações no grupo que permitem a solução do problema, objetivando aumentar o seu conhecimento e o grau de consciência do grupo envolvido (FAINC, 2011, p. 25).

Ou seja, esse tipo de pesquisa possibilita ao indivíduo fazer uma autoanálise, bem como está correlacionada à resolução de uma problemática, com o viés de ação. Para isso, analisamos o material didático de LP para surdos que foi elaborado por duas cursistas do curso de Pós-Graduação em Ensino de LP como L2 para surdos, para a disciplina Elaboração de Material Didático de Língua Portuguesa para surdos. Os critérios estabelecidos para análise do respectivo material didático se deram com base no objeto de ensino, nas competências e habilidades linguísticas e nos conteúdos.

As cursistas elaboram o material didático com base na especificidade da pessoa surda, já que tanto é pertinente o professor elaborar o próprio material, como também mostra o quão é relevante os estudantes serem inclusos no âmbito educacional, levando em consideração, sobretudo, as nuances de cada um.

Como forma de dar prosseguimento à análise, ao finalizarmos as considerações quanto aos aspectos teóricos e metodológicos, observamos com mais precisão como as cursistas produziram o respectivo MD de LP para surdos, bem como realizamos as devidas considerações no prazo estabelecido: três meses (setembro, outubro e novembro de 2020). Dessa maneira, foi

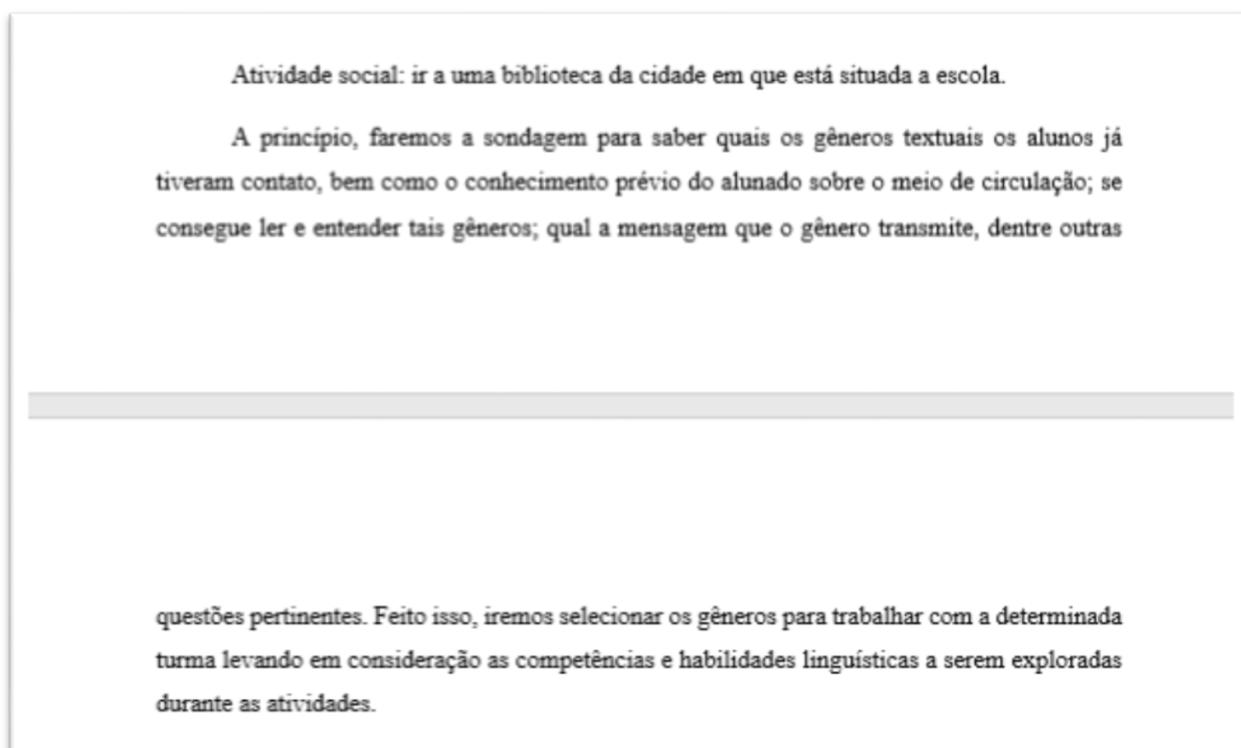
selecionada uma atividade sobre charge, organizada em sequência didática e direcionada à aprendizagem de competências e habilidades linguísticas na produção escrita da LP.

4 Análise e discussões

Refletindo sobre o material didático de LP para surdos, podemos perceber que o docente, ao buscar suportes metodológicos e recursos que sirvam de subsídio para que os discentes se sintam mais pertencentes ao âmbito escolar, como também centro do processo de ensino e aprendizagem, necessita desenvolver atividades que façam parte do cotidiano desses aprendizes.

Desse modo, veremos que as cursistas prepararam a primeira sequência didática de Língua Portuguesa para surdos fazendo o uso de gêneros textuais, neste caso, charges. Para tanto, observaremos abaixo no MD de LP para surdos a atividade social e a de sondagem como passos iniciais de uma sequência didática:

Imagem 01: Atividade social e de sondagem



Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

Na imagem 01, identificamos que as cursistas, ao sugerirem uma atividade social, que consiste em ir a uma biblioteca da cidade em que estaria situada a escola, procuram trabalhar atividades com os alunos surdos que os instiguem a serem críticos, ativos e pensantes, pois as tarefas propostas perpassam o muro da escola, já que exploram os espaços em que os estudantes estão inseridos.

Quanto à atividade de sondagem, é proposto aos discentes o conhecimento prévio que cada um possui a respeito dos determinados gêneros textuais, bem como pode ser identificado a magnitude da diversidade que os estudantes já tiveram contato ou não. Feito isso, as cursistas puderam selecionar gêneros que se mais adequam ao nível da turma, assim como de acordo com as particularidades de cada aprendiz.

Dessa forma, vale enfatizar que atividades como essas sugeridas pelas elaboradoras do MD são de suma importância para instigar qualquer estudante a ser crítico, reflexivo, participativo e protagonista/centro do próprio processo de ensino e aprendizagem. E tais questionamentos em sala de aula só reforçam mais ainda que o papel docente é imprescindível no desempenho e aprendizado dos alunos, assim como na interação aluno-professor.

Para isso, podemos observar abaixo que um dos critérios a ser analisado foi objeto de ensino, o gênero charge:

Imagem 02: Gênero charge



Fonte: Notícias do dia -07/04/2020. Disponível em: ndmais.com.br

Sobre a importância de trabalhar o gênero charge na sala de aula, como podemos identificar na imagem 02, Lazoski e Marques (2014, p. 6) afirmam que a charge “[...] é um dos gêneros textuais de que o jornal e outros suportes dispõem para expressar sua opinião sobre os

acontecimentos diários”. Além disso, os autores abordam que as charges são peculiares por produzirem sentidos a partir da criticidade, bem como contribuem para a junção harmoniosa de recursos multimodais, tais como os linguísticos e os imagéticos.

Ao utilizar gêneros que apresentam textos imagéticos, conforme alguns critérios analisados, os discentes poderão desenvolver competências e habilidades linguísticas, tais como: identificar as especificidades e compreender a utilização das charges nos diversos contextos sociais, como também reconhecer a função do respectivo gênero e desenvolver a habilidade da escrita por intermédio das atividades propostas pelas docentes.

Nesse sentido, “a charge, além de trabalhar a leitura de texto, promove a leitura de mundo, desperta o interesse dos alunos e a sua capacidade de interpretação, explorando a linguagem verbal e a não verbal” (LAZOSKI; MARQUES, 2014, p. 06). Assim como a leitura desperta a curiosidade dos discentes a partir da utilização das charges, estas apresentam particularidades com o viés cômico e irônico.

A sequência didática do material didático de LP para surdos é organizada nos três eixos de ensino, leitura, escrita e análise linguística. Dessa maneira, no exemplo abaixo, veremos uma atividade em que se aborda um dos conteúdos para a determinada aula, a leitura. Neste material didático de LP, utilizamos a leitura como um dos critérios a ser analisado:

Imagem 03: Conteúdo leitura e interpretação textual

Primeiramente, será realizada a leitura e apresentação do gênero charge: utilização de slides com alguns exemplos de charges trabalhando e expondo o visual (pistas visuais em alto relevo nas palavras-chave que envolvesse os pontos altos da temática) para que os alunos surdos consigam construir sentido à temática em questão. Nesta aula, ainda, iremos propor os alunos a reflexão por meio de alguns questionamentos, por exemplo: 1. Qual o meio de circulação do gênero? 2. Qual a temática presente nos textos? 3. Quem escreveu? 4. Os textos seguem alguma estrutura? Se sim, Qual? 5. Qualquer pessoa pode produzir uma charge? 6. Qual a correlação das imagens com a temática presente nos textos? 7. Qual o conhecimento prévio *versus* o atual sobre as charges?

No que concerne à imagem acima, sobre os conteúdos leitura e interpretação de textos escritos e imagéticos, Leffa (1996, p. 10) afirma que “A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra”.

De forma mais objetiva: “Ler é portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo” (LEFFA, 1996, p. 10).

À vista disso, o exemplo 3 possibilita ao aluno o reconhecimento da funcionalidade do gênero charge, assim como a utilização nas diversas situações comunicativas. Desse modo, a partir dessa atividade 3, é notório que as imagens utilizadas nas atividades não deverão servir apenas para compor e embelezar parte da tarefa elaborada pelos professores, mas sim para haver sentido em estudá-las, assim como apresentar aos alunos textos imagéticos que fazem parte de seu cotidiano.

No exemplo abaixo, é sugerida a criação de ilustrações e charges que envolvam a problemática discutida na aula ministrada pelas cursistas. Neste caso, utilizamos como critério a ser analisado a produção textual:

Imagem 04: Conteúdo produção textual: Criação de ilustrações e charges

Dando seguimento às atividades, iremos sugerir que os estudantes criem ilustrações e charges na qual envolva a problemática discutida em questão (OS IMPACTOS DO COVID-19 NAS CIDADES BRASILEIRAS), fazendo o uso do auxílio dos balões existentes nas imagens (acrescentando frases e/ ou palavras-chave que indiquem o teor do assunto) que foram criadas durante a produção.

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

A construção de sentidos a partir do ato da leitura e da escrita é de suma relevância, uma vez que os alunos surdos precisam construir inferências a partir das suas leituras e durante o momento de produção. Mediante as particularidades da pessoa surda, os docentes precisam refletir e colocar em prática, assim como é previsto neste material didático de LP para surdos, tarefas que estimulem o indivíduo surdo quanto ao desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas.

Dessa forma, os docentes de LP como L2 para surdos precisam incluir na sua prática pedagógica materiais que trabalhem o visual, textos imagéticos, bem como instiguem o indivíduo surdo a ser reflexivo. Nesse sentido, atividades como a do exemplo acima (imagem 4) mostram o quão é pertinente trabalhar com imagens, ilustrações ou até mesmo com animações e vídeos que possam auxiliar na interpretação e/ou produção dos textos escritos em LP.

Segundo Antunes (2005), é possível que o indivíduo seja capaz de produzir textos escritos relevantes, já que a modalidade escrita está ligada sobretudo a muita persistência, várias tentativas e, certamente, muita prática.

Na imagem abaixo, podemos perceber que as cursistas exploraram alguns recursos didáticos, além disso, abordaram a análise linguística. Por isso, utilizamos como um dos critérios neste MD de LP a análise linguística:

Imagem 05: Recursos didáticos, livros e revistas; Análise linguística

A partir de tais considerações, alguns textos serão selecionados para a exposição no mural da escola. Todavia, todas as produções realizadas pela turma serão disponibilizadas em outro meio para que todos os estudantes tenham acesso, inclusive que fazem parte da escola, de modo geral, assim como a comunidade pertencente à escola.

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

Imagem 06: Recurso didático, mural

Em seguida, solicitaríamos aos estudantes a pesquisarem em livros e/ revistas (atividade realizada na biblioteca) exemplos de charges, em virtude de compartilharem com os colegas na aula seguinte. Nesta aula, iremos fazer questionamentos por meio da Libras sobre: 1. Quais as possíveis semelhanças entre as estruturas? 2. Quais são os efeitos de sentido gerados por meio dessas estruturas? 3. Quais são as peculiaridades que essas estruturas parecidas apresentam? 4.

Como acha que pode utilizar essas estruturas linguísticas para melhorar a sua comunicação/interação? 5. Como definiria regras de uso para essas estruturas no texto?

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

É perceptível, por meio da imagem 05, que as elaboradoras do respectivo material didático privilegiam a concepção interacionista, pois esta visa a gramática sob um leque de estratégias linguísticas que envolvem os falantes no contexto comunicativo. Tal concepção não trabalha a gramática de forma isolada, muito menos as classes gramaticais fora do contexto, já que não há prevalência de uma gramática contextualizada que exista sem usos linguísticos.

Sobre isso, reiterando a percepção de Marcuschi (2008), Antunes (2014, p. 47) nos apresenta o estudo da gramática a partir de uma perspectiva contextualizada, pois se trata de uma “[...] gramática a serviço dos sentidos e das intensões que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer”.

Do mesmo modo, Fernandes (2006, p. 12) comenta que o desenvolvimento do senso crítico do leitor “[...] que vê o texto como objeto cultural, inserido em uma rede de relações sócio-históricas, certamente não se constrói pela prática de decifração de palavras isoladas e frases descontextualizadas, comuns em sala de aula”.

Nas imagens 05 e 06, podemos identificar também os recursos didáticos (livros, revistas e mural) como ferramentas que irão auxiliar na práxis docente, uma vez que oferecem uma gama de possibilidades no que concerne à elaboração das atividades inclusas no MD. Nesse

sentido, ao expor as produções dos discentes no mural da escola, dará mais ênfase, credibilidade e sentido às tarefas desses aprendizes.

Do mesmo modo, observamos que as cursistas pediram à turma para que pesquisasse e compartilhasse com os colegas exemplos de charges, sendo perceptível o incentivo pela pesquisa, assim como o uso de materiais didáticos disponíveis na própria biblioteca da escola, como livros e revistas.

Diante disso, veremos mais exemplos de recursos em que as elaboradoras propõem aos discentes gravação de vídeos em Libras, assim como a sugestão da criação de uma rede social:

Imagem 07: Recurso didático, vídeo em Libras

Depois, iremos propor uma atividade em grupo: a partir das orientações feitas pelas professoras, cada grupo irá gravar um vídeo em Libras abordando a relevância; particularidades; aspectos linguísticos e estrutura organizacional; tipo de linguagem utilizada; contexto social utilizado e a construção de sentidos a partir do gênero estudado e produzido - charge.

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

Imagem 8: Criação da rede social intitulada “Charge surdo-visual”

Após o término dessas atividades e reflexão, iremos sugerir a criação de uma página em uma rede social intitulada “Charge surdo-visual” onde os alunos farão o uso e divulgação das suas próprias produções com o intuito de promover a progressão contínua. Além disso, no decorrer das aulas, as docentes irão analisar e refletir até que ponto tudo isso está promovendo para a melhoria do comportamento, interação, protagonismo, engajamento e progressão da turma.

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

Nas escolas, os docentes fazem a utilização dos recursos tecnológicos, mas, às vezes, não atentam que estes também podem partir do uso de um computador, *datashow*, aparelhos celulares, caixa de som, recursos de comunicação digital e de redes sociais, como podemos

notar por meio dos exemplos 07 e 08 acima. Por isso, na medida em que o professor propõe uma tarefa com a utilização de rede social e gravação de vídeos (imagens 07 e 08), poderá fazer uso de qualquer um dos recursos supracitados. Além disso, as redes sociais são ferramentas que ultimamente têm sido usadas com frequência pelos adolescentes, tanto no âmbito escolar como fora dele. Por isso, a importância de trabalhar com recursos que fazem parte da realidade do alunado.

Desse modo, é notório o discente como centro do processo de ensino, como também o desenvolvimento de um cidadão reflexivo e operante do conhecimento. Podemos enfatizar, ainda, que a sugestão para a criação de uma rede social e a gravação de vídeos, mostra-nos que uma das formas de tentar despertar o interesse dos alunos é fazer o uso de ferramentas que fazem parte de seu contexto social. Além disso, expor o visual, ao invés de as aulas tornarem um fardo para os discentes, passam a ser um motivo para que os discentes gostem do âmbito escolar sem a necessidade de impor nada, mas sim de atrair a atenção dos que fazem a educação cada vez mais prosperar por um país melhor, coeso e justo.

Por esse motivo, o uso de ferramentas tecnológicas pode auxiliar na interação dos discentes em sala de aula, assim como as atividades propostas por meio do MD podem ser realizadas por intermédio da exploração e utilização da linguagem.

Abaixo, temos o exemplo 09, em que houve o *feedback* das produções dos discentes:

Imagem 09: Feedback das produções

Posteriormente, acontecerá o feedback das produções dos alunos para que sejam reescritas (levando em consideração as especificidades dos surdos na modalidade escrita: construção de orações numa ordem atípica; dificuldades quanto à flexão de nomes, de verbos e omissão de pronome; alocação de palavras em espaços sintáticos inusitados, dentre outras), se houver necessidade. Neste momento, iremos considerar também os elementos estruturais das charges e os aspectos linguísticos estudados, bem como a forma de divulgação que serão trabalhadas as charges; a receptividade dos gêneros no ambiente de divulgação? Releitura das charges; O que mudaria? Acha que seguiu todas as características presentes do respectivo gênero? Acha que explorou adequadamente os elementos linguísticos.

Fonte: ARAUJO, A. F. S.; BEZERRA, D.F. 2020

No exemplo 09, é perceptível que houve o *feedback* das produções dos estudantes, uma vez que foi sugerida a reescrita dos textos. Dessa forma, ao solicitar a reescrita das produções, o discente poderá organizar melhor as ideias e entender que, com base na reescrita, poderá rever outras questões que anteriormente poderiam estar omissas, como: substituição de expressões sinônimas, pontuação, períodos sem nexos e sem argumentos concluídos, assim como poderá reler o texto várias vezes para que fique mais coerente e conciso a partir das observações da docente.

Outro detalhe pertinente no exemplo acima, é que as cursistas levam em consideração as especificidades da pessoa surda, já que consideram a forma atípica das orações. As particularidades dos surdos merecem atenção tanto na modalidade escrita como também nos processos comunicativos com outros indivíduos ouvintes, dado que Nascimento (2008, p. 45) considera “[...] o fato de a surdez impossibilitar a aquisição de um acervo lexical mais amplo da língua usada pelos ouvintes das comunidades em que os surdos estão inseridos seja outro vetor das dificuldades interacionais entre surdos e ouvintes aludidas anteriormente”.

À vista disso, consideramos relevante dar ênfase às especificidades da pessoa surda, pois, de acordo com Nascimento (2008), as respectivas habilidades relacionadas à modalidade escrita dos surdos são bastantes evidentes e o motivo pelo qual escreverem textos com estruturação atípica é devido a aprenderem a escrever de forma tardia. Tais dificuldades dizem respeito tanto às práticas de leitura como também de escrita.

5 Considerações finais

Concluimos que este trabalho trouxe contribuições positivas tanto para o indivíduo surdo, como também para a comunidade surda, dado que é de fundamental importância que o docente de Língua Portuguesa para surdos produza e analise o próprio material didático. Outrossim, quando o professor trabalha com atividades no MD levando em conta as peculiaridades da pessoa surda, não só dará mais visibilidade e significância à respectiva comunidade linguística, como também dará mais notoriedade aos direitos e necessidades/especificidades de cada indivíduo surdo.

A partir do material didático de LP para surdos, notamos que a charge serviu de suporte para incrementar ainda mais as aulas de maneira dinâmica, interativa e diversificada. Ao utilizar gêneros que fazem parte no convívio dos alunos, fortalece a interação em sala de aula entre discente-discente, instiga o incentivo pela leitura e pela modalidade escrita, bem como o conhecimento da diversidade existente por parte dos distintos meios de circulação.

Além disso, é perceptível que as competências e habilidades linguísticas foram desenvolvidas pelas cursistas a partir do MD, uma vez que as elaboradoras do material didático

abordaram atividades em que exploravam o visual por intermédio do gênero textual, a gramática contextualizada, nesse caso, os usos da língua, bem como a leitura e a produção de textos escritos e imagéticos.

Do mesmo modo, constatamos que os conteúdos estavam correlacionados ao determinado gênero textual: charge. A charge é um gênero muito relevante para a exposição visual por meio de atividades propostas em sala de aula. Ademais, trata-se de um texto imagético com particularidades que apresentam um aspecto irônico, cômico, de fácil leitura e de interpretação, dado que as imagens auxiliam no entendimento proposto a partir da temática abordada.

A sequência didática, como é organizada no material de LP para surdos, mostra-nos o quanto é fundamental abordar os eixos da leitura, da escrita e da análise linguística. Por isso, tanto a prática pelo uso da língua, como pela leitura, e a modalidade escrita possibilitarão o desenvolvimento de um alunado mais crítico, participativo e reflexivo, não só no âmbito escolar, mas também na comunidade em que está inserido.

Logo, ao fazer o uso de tais conteúdos, materiais e recursos didáticos, há a necessidade de os profissionais da educação estarem aptos e seguros a enfrentar os avanços que percorrem o mundo da tecnologia, uma vez que tais desafios fazem parte da realidade do âmbito escolar, neste caso, a prática pedagógica. Ademais, os professores precisam de capacitação para lecionar a estudantes surdos que saibam falar em Libras. O uso das tecnologias na sala de aula merece atenção, cuidado e aperfeiçoamento dos que contribuem para um ensino de mais qualidade e de uma aprendizagem mais eficaz a partir do ensino de línguas.

Referências

ANTUNES, Irandé, 1937 - **Gramática contextualizada**: limpando o ‘o pó das ideias simples’. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 160 p.; 23 cm. (Estratégias de ensino; 49).

ANTUNES, Irandé, 1937 – **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Na ponta da língua; v.13).

BARBOSA, Eva dos Reis Araújo. Materiais didáticos impressos e digitais de ensino de português como segunda língua para alunos surdos. **Revista de Ciências Humanas**, vol. 18, n. 1, jan./jun. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em: 01 out. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 18 jan. 2020.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos.** Curitiba: SEED, 2006.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. *In: **Leitura e escrita: no contexto da diversidade.*** LODI, Ana Claudia Balier HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de Campos. Porto Alegre: Mediação, 2010. (3.ed. atual. ortog). 112 p.

Inter FAINC [recurso eletrônico] / **Faculdades Integradas Coração de Jesus.** Rede Salesianas de Ensino – Vol. 1, n. 1 (jan./jun. 2011) – Santo André, SP: FAINC, 2011.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/kleiman-nc3a3o-basta-ensinar-a-ler-e-escrever.pdf>. Acesso em: 28 ago 2019.

LAZOSKI, Renilda Severa; MARQUES, José Geraldo. O gênero textual “charge” em sala de aula: leitura, interação e criticidade. *In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE.*** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_port_artigo_renilda_severa_lazoski.pdf. Acesso em: 12 mar. 2020.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1996. p. 8-24 Disponível em http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/aspectos_leitura.pdf. Acesso em: 15 fev. 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: Dionisio, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino.*** 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. 232p

NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. **A organização de textos escritos por universitários surdos.** Recife: O Autor, 2008.

NEVES, B. C.; QUADROS, R. M. A relação dos surdos com a língua portuguesa em um contexto bilíngüe. *In: RIBERIO, T.; SILVA, A. G. **Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas.*** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015